

# RESULTADOS INICIAIS SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS ECOPELOGICAS

Gilson Xavier de Azevedo<sup>1</sup>

GT 09: Didática, Práticas de Ensino e Estágio

## RESUMO

O objetivo desta comunicação oral é relatar os resultados iniciais da pesquisa que venho desenvolvendo em relação às demandas da sustentabilidade e da nova consciência planetária que tornam urgente a adoção de práticas ecopedagógicas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa com observação e aprofundamentos em debates públicos que vem ocorrendo desde 2013 entre acadêmicas do curso de pedagogia da UEG, UnU Quirinópolis, GO. A problemática situa-se nas transformações educacionais vigentes em detrimento da necessidade de se construir tal tratativa. A hipótese mais provável é a de que vários setores da educação, dentre eles, as práticas pedagógicas atuais utilizadas na educação infantil e ensino fundamental estejam desalicerçadas de tal contexto. Os resultados até aqui obtidos são os da compreensão dos universos da ecopedagogia e da sustentabilidade na educação que tem sido nossa base de propor dentro do referido curso, praticas redimensionadas.

**Palavras-chave:** Educação. Ecopedagogia. Práticas pedagógicas.

## 1 OBJETIVOS

O objetivo central desta pesquisa é demonstrar que educar para a cidadania planetária é hoje uma necessidade urgente em todos os seguimentos sociais. Trata-se de um novo cenário que emergiu das grandes reuniões mundiais e protocolos de redução de emissão de gases tóxicos na atmosfera.

A concepção de que nossa vida no planeta deve ser encarada como uma simbiose, encontram seus mais recentes desdobramentos na necessidade de uma educação empreendedora, que vise ampliar a qualidade ética da formação escolar que por sua vez tem sua teleologia na ecopedagogia.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014-2016-BOLSISTA FAPEG). Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014 - BOLSISTA FAPEG). Filósofo (Dom Felício, 1998/FAEME, 2007), Pedagogo (UVA-ACARAÚ, 2004) e Teólogo (FAETEL, 2002/MACKENZIE, 2006), Pós-graduado em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica (UVA-RJ, 2006), Ética e cidadania (UFG, 2012) e Filosofia Clínica (Inst. Packter/PUC, 2013). Professor Titular de Filosofia do Direito e Filosofia Empresarial pela FAQUI (desde 2006); Ex-Coordenador do curso de Pedagogia da UEG Quirinópolis (2011-12); Professor convidado da UNIUBE em Quirinópolis; Professor de Filosofia e Sociologia da rede particular também em Quirinópolis; Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás (Concurso 2013-14); Palestrante e conferencista com mais de 200 horas de atividades proferidas (gilsoneduc@yahoo.com.br).

Urge uma ecopedagogia e uma ecoformação que conscientize e potencialize ações de melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, mas que ao mesmo tempo, sejam ações sustentáveis, que não visem apenas conforto e comodidade passageiras, mas uma consciência planetária.

Para tanto, pensar nas práticas ecopedagógicas como uma forma de contribuição da educação para se alcançar tal feito é ampliar os horizontes de todos os seguimentos que compõe a estrutura ou ordem assim denominada.

## **2 JUSTIFICATIVA**

Desde 1999, por ocasião do I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, pedagogos e filósofos da educação têm se mostrado fieis ao comprometimento de se pensar uma Carta da ecopedagogia: em defesa de uma Pedagogia da Terra.

Na obra *O campesinato o século XXI* (2004), notamos como é urgente uma pedagogia das minorias, que lhes possibilite a expansão de seus horizontes e de sua condição de vida.

Nessa trajetória a ecopedagogia tem contribuído cada vez mais com a educação para a cidadania planetária. A sobrevivência do planeta Terra, nossa morada, depende da consciência socioambiental e a formação da consciência depende da educação. A noção de cidadania planetária sustentasse na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela se manifesta em diferentes expressões: “nossa humanidade comum”, “nosso futuro comum”, “nossa pátria comum”. Cidadania planetária é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra (GADOTTI, 2000, p. 2).

A busca por uma cidadania planetária conforme o citado, começa todavia, em 1992 com o encontro global no Rio e depois foram criados 45 Comitês Nacionais da Carta da Terra, que, por meio da Internet, deram continuidade à Comissão de Redação coordenada pelo teólogo norte-americano Steven Rockefeller, refletindo a influência de grandes tradições filosóficas e uma grande variedade de intelectuais e movimentos sociais.

Acredita-se portanto que com presenças renomadas como a do educador Paulo Freire (1921-1997) e do teólogo Leonardo Boff, a Carta da Terra tem um grande potencial educativo, ainda não suficientemente explorado pelas escolas.

De acordo com Gadotti (2010, p. 19):

A Carta da Terra é o equivalente à Declaração Universal dos Direitos Humanos, apropriada para os tempos atuais, constituindo-se num documento baseado na afirmação de princípios éticos e valores fundamentais que norteiam pessoas, nações, Estados, raças e culturas no que se refere à sustentabilidade.

Nesse sentido, a Carta tem validade universal e deve ser conhecida e adotada transversalmente pelas escolas, tornar-se conhecida nos meios de discussão acadêmica e ampliar nossos horizontes educativos para os seguintes pontos:

1. O planeta como uma única comunidade.
2. A Terra como mãe, organismo vivo e em evolução.
3. Uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, o que faz sentido para a nossa existência.
4. A ternura para com essa casa, nosso endereço comum, a Terra.
5. A justiça sócio-cósmica: a Terra, como organismo vivo, é também um oprimido.
6. Uma pedagogia que promova a vida: envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se.
7. O conhecimento só é integral quando é compartilhado.
8. Caminhar coerente e com sentido na vida cotidiana.
9. Uma racionalidade intuitiva e comunicativa, afetiva, não instrumental.
10. Novas atitudes: reeducar o olhar, o coração.
11. Cultura da sustentabilidade: ampliar nosso ponto de vista.

Enquanto comunidade que somos, diz a carta, devemos iniciar uma programa internacional de preservação da terra enquanto viva e nossa, e adotarmos em relação a ela medidas sustentáveis de modo que sejam eliminadas as disparidades e os pecados sociais que separam ricos e pobres, além de toda forma etnocêntrica que segrega e afasta pessoas e que são as causas dos males do mundo, dado que indivíduos socialmente explorados tendem a se vender, vender sua força de trabalho em atividades não éticas, nem pautadas na sustentabilidade.

Feitas estas conjecturas, não só o estudo que venho propondo por meio de debates no meio universitário onde atuo, bem como as prerrogativas que tal estudo iniciam nos campos de fomento ao trabalho pedagógicos e suas práticas enquanto elementos de transformação social, são em essência a justificativa mais tenaz desta

comunicação, na qual apesar de resultados teóricos somente, percebo forte apelo ao comprometimento dos ouvintes a conhecer mais de perto essas novas tendências da educação e teorias da educação atual.

### 3 METODOLOGIA

Pensar as práticas educacionais no contexto atual é pensar inicialmente no que vem sendo proposto a partir das determinações da UNESCO em 1998 em relação ao que fora estruturado por Jacques Delors sobre o desenvolvimento das habilidades e competências entre os estudantes de níveis diferentes de ensino.

Se inicialmente é proposto que os alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio devem *aprender a ser*, isso pressupõe que devem portanto ter condições favoráveis no processo de ensino-aprendizagem<sup>2</sup> de desenvolver competências e habilidades pessoais

O Aprender a ser proposto por Delors pressupõe uma Paidéia, uma formação do homem total, sua mente, corpo, sensibilidade, senso estético, responsabilidade e senso ético.

Conforme o documento da Unesco:

O desenvolvimento tem pôr objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: Indivíduo, membro de uma família e de coletividade, cidadão e produtos, inventos de técnicas e criador de sonhos (DELORS,1996, p. 110).

Nesse caso, a educação deve ser proposta não apenas pelas escola, mas pela família, pela sociedade, pelas políticas pública e em resumo, só é verdadeiramente educada uma criança que vive em uma sociedade educadora.

O “Aprender a ser” é uma via essencial para a integração dos demais pilares da educação, de modo que as Instituições de Ensino, quanto os Educadores precisam investir em propostas que abordem as aprendizagens dos seus alunos, que sejam de fato globais, de maneira a não negligenciar as potencialidades de cada aluno. “Trata-se,

---

<sup>2</sup> Nas palavras do educador Paulo Freire, não existe ensino sem aprendizagem. Para ele e para vários educadores contemporâneos, educar alguém é um processo dialógico, um intercâmbio constante. Nessa relação educador e educando trocam de papeis o tempo inteiro: o educando aprende ao passo que ensina seu educador e o educador ensina e aprende com seu estudante (<http://educacaointegral.org.br/glossario/ensino-aprendizagem/>).

frequentemente, mais de uma qualificação social do que de uma qualificação profissional” (DELORS, 1996, p. 96).

Para Gadotti (2000):

Desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. A aprendizagem não pode ser apenas lógico-matemática e linguística. Precisa ser integral.

Ao pensar as práticas pedagógicas dentro dessa perspectiva, pressupõe-se que levar o aluno a fazer, descobrir por si só indicando caminhos, desafiar o aluno, criar com o aluno o belo, incorporar posturas éticas por meio do respeito, da ajuda mútua, estimular a postura crítica consciente por meio dos debates e leituras de mundo atuais.

Outra Proposta de Delors (1996) é *aprender a conviver*, tal capacidade é internalizada pelos alunos em atividades que explorem as competências e habilidades relacionais

Novamente para Gadotti (2000):

Compreender o outro, desenvolver a percepção da interdependência, da não-violência, administrar conflitos. Descobrir o outro, participar em projetos comuns. Ter prazer no esforço comum. Participar de projetos de cooperação. Essa é a tendência. No Brasil, como exemplo desta tendência, pode-se citar a inclusão de temas/eixos transversais (ética, ecologia, cidadania, saúde, diversidade cultural) nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que exigem equipes interdisciplinares e trabalho em projetos comuns.

Na era das novas tecnologias da informação, estamos mais conectados, mais comunicativos, mais independentes, resta abrir o debate no rumo da comunicação existencial que proponho aqui como uma comunicação verdadeira e de verdades existenciais criadoras. Nossa comunicação deve nos levar e levar nossos alunos ao que vou chamar de ética 3.0<sup>3</sup>, ou seja, uma ética que gere nas pessoas o desejo de fazer o bem, de melhorar o mundo, de cultivar relações profundas e inovadoras.

---

<sup>3</sup> Segundo Molina C. (2012) trata-se de uma ética de novo tipo, que é instalada na corresponsabilidade, o que foi nomeada como terceira ética ou ética 3,0.

As novas tecnologias fizeram a humanidade entrar na era da comunicação universal; abolindo as distâncias, concorrem muitíssimo para moldar a sociedade do futuro, que não corresponderá, por isso mesmo, a nenhum modelo do passado. As informações mais rigorosas e mais atualizadas podem ser postas ao dispor de quem quer que seja, em qualquer parte do mundo, muitas vezes, em tempo real, e atingem as regiões mais recônditas (DELORS, 1996, p. 39).

Poderia ainda discorrer sobre o que Delors propõe sobre *aprender a conhecer* (competências e habilidades cognitivas) e *aprender a fazer* (competências e habilidades produtivas), mas penso que o que fora trabalhado já necessariamente nos conduzirá a estes outros dois pilares.

Santos (2010, p. 1) nos indica que:

A educação empreendedora, destinada a dotar o educando de graus crescentes de liberdade para fazer suas escolhas e a contribuir para o fortalecimento de seu projeto de vida, elege como tema central a preparação do jovem para participar ativamente da construção do desenvolvimento social. Além disso, busca desenvolver habilidades e competências nos jovens que colaborem para o fortalecimento da autonomia, do projeto de vida e da liberdade de decidir sobre o próprio destino.

Nesse caso, chamo de educação empreendedora neste primeiro tópico da pesquisa, uma educação para o conhecer e para o fazer. Primeiro para o conhecer, dado que na era da informação, só conhece realmente quem está pronto para conhecer, seja geração x, y, z, alpha ou as que virão, a necessidade de se construir uma educação que ensine com urgência o real significado de informação e conhecimento é o que de fato trará o diferencial para os que saber reconhecer as informações que são válidas e as que não são.

Agora sim trazendo a educação empreendedora para o contexto da abordagem de Delors, Gadotti (2000) ressalta que se deve formar o real “prazer de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento, curiosidade, autonomia, atenção. Inútil tentar conhecer tudo”.

Para Gadotti (2000), *aprender a conhecer* é segundo o autor, mais do que *aprender a aprender*. Trata-se de investir em linguagens e metodologias mais do que em conteúdo. Não basta no entanto aprender a conhecer, pois é preciso aprender a pensar, a pensar a realidade e não apenas ter pensamentos, mas pensar com foco, com

metas, com projeto, com decisão e chegar a resultados, ganhos, sucessos e realizações pessoais, sociais, comunitárias, pensar em soluções.

Além de ser considerada uma saída para o desenvolvimento social, econômico e comunitário, a educação empreendedora busca despertar os valores empreendedores em crianças, jovens e adultos como forma de promover o desenvolvimento e reduzir a exclusão social e é, talvez, uma das mais significativas conquistas desse campo está centrada na preparação juvenil para participar ativamente da construção do desenvolvimento social (SANTOS, 2010, p. 1).

Santos (2010) ainda aponta que esses resultados são alcançados por meio de trabalhos e práticas que compreendam a história de vida de cada aluno, sua orientação para o trabalho profissional, a visão futurista de si, do outro e da sociedade e a construção bem alicerçada de um projeto de vida.

Ao finalizar esse tópico, resta entender porque uma educação empreendedora? Diante do exposto, para que o aluno consiga ainda na escola ultrapassar seus muros simbólicos e ir em direção às transformações sociais e existenciais necessárias, de modo que nesse caso, a primeira responsabilidade de tal promoção no meio escolar é a dos professores.

#### **4 DISCUSSÃO TEÓRICA**

Nos textos a que tive acesso para compor esse artigo, notei que a maioria deles trabalha a prática pedagógica na formação de professores sob o viés da criatividade. Não que eu considero isso um erro, ao contrário, o que desperta interesse do aprendiz de professor são justamente as práticas pedagógicas criativas, mas penso que exista algo mais.

Ao se pensa em práticas pedagógicas no processo de formação de professores, o primeiro ponto que parece importante é a base teórica desta formação. Sé é difícil construir a ideia de um fazer e um saber pedagógico, quanto mais difícil será despertar no futuro pedagogo ou no professor de educação infantil a consciência desse fazer.

Saber porque se está aplicando esta ou aquela atividade. Entender a lógica estrutural dos PCN`s de cada fase educacional, o que em geral é atribuição do coordenador que em tese vivenciou tais processos de ensino-aprendizagem é em muitos casos algo distante da realidade educacional que temos hoje.

Aliado a isso, a formação de professores pressupõe em seu conjunto, disponibilidade de tempo, bagagem cultural, disposição à leitura, produção acadêmica, comunicações em eventos, participação em debates, iniciação científica, publicação de artigos que por sua vez pressupõe ensino com pesquisa e uma série de demandas que são objeto de inúmeros resultados de pesquisas por todo o Brasil.

Além desses itens, existe ainda a dimensão humanística dessa formação que Gadotti (2000) faz questão de ressaltar quando indica que o jovem professor deve trabalhar na formação da cidadania, na consciência da planetaridade, da sustentabilidade, virtualidade, globalização, transdisciplinaridade, dialogicidade e dialeticidade. Para o autor citado, "A análise dessas categorias e a identificação da sua presença na pedagogia contemporânea podem constituir-se, sem dúvida, num grande programa a ser desenvolvido hoje em torno das "perspectivas atuais da educação".

Outro fator a ser colocado aqui como essencial é o da utopia no processo de formação e depois no processo educacional de construção da aprendizagem. Tão ou mais importante que o saber o que se está fazendo e o porquê é o acreditar no que se está fazendo como algo realmente transformador de vidas. Para Paulo Freire a utopia, é o já e o ainda não na constituição dialética educativa do presente, movido pela esperança contínua depositada na educação (FREIRE, 2007).

Nesse conjunto, pensar a formação de professores é sim pensar a criatividade, mas não apenas pensa-la do ponto de vista do novitismo pedagógico clichê, pois nem sempre uma aula de formação tem que ser cantada, musicada, com vídeo, dinâmica, produção textual, artística, com jogos, com debate, para ser considerada uma boa aula. A consciência crítica do processo, em qualquer fase do ensino-aprendizagem torna o estudante um indivíduo crítico e consciente do próprio processo formativo; ele é o produtor de si nesse processo, o responsável, o sujeito de si; ele depende do professor, da formação, do curso, da faculdade sim, mas como coautores de sua formação, pois ele sabe que é ele quem faz sua formação.

Uma consciência assim, é mais que consciência, é uma ecoconsciência, conforme se pretende tratar a seguir.

## 5 RESULTADOS

Conforme já se discorreu, as práticas ecopedagógicas têm como marca o sentimento de planetaridade, de pertença ao mundo enquanto parte dele e ele enquanto parte de nós, o que ampliar sensivelmente o aspecto da responsabilidade social sustentável de nossa prática cotidiana. Desse modo temos assistido nos últimos trinta anos, a formação de uma cultura da sustentabilidade enquanto cultura da planetariedade assim definida por (GADOTTI, 2005, p. 24) como: "uma cultura que parte do princípio que a Terra é constituída por humanos que são considerados cidadãos de uma única nação".

Nesse fim, pensa-se em uma educação que forme no indivíduo tais princípios e que seja centro de tal cultura. A sala de aula nesse contexto é a incubadora primeira dessas práticas. Isso acontece de forma simples e cotidiana, na limpeza da sala, no uso do prédio, em geral público, mas não só; no uso dos bens públicos; no respeito aos colegas; na partilha de brinquedos, alimentos e experiências; no ouvir para depois falar.

As ações humanas, por mais simples que sejam geram um impacto imenso nas pessoas e na sociedade. É nesse mote que os saberes e os fazeres da educação devem manter uma preocupação em todos os níveis de ensino, de modo que não existe uma prática pedagógica isolada das demais que ocorrem diariamente na escola, na sociedade e no mundo. A esse respeito, segundo Gutierrez (1998, p. 21), "só encontramos sentido em caminhar vivenciando o contexto e o processo de desbravar novos caminhos; não apenas observando-o, por isso a educação sustentável é uma pedagogia democrática e solidária".

Educar para a cidadania planetária implica muito mais do que uma filosofia educacional, do que o enunciado de seus princípios. A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo (GADOTTI, 2000, p. 142).

Desse modo, não se trata apenas e isoladamente de pensar aqui as práticas pedagógicas, dado que estas estão diretamente vinculadas aos PCN's que claro, contemplam a educação planetária e também pensar o currículo conforme apontou Gadotti.

Para Sequeiros (2000, p. 20):

Trata-se de criar, progressivamente, uma nova consciência internacional nas crianças, nos jovens e nos adultos, que leve a uma transformação dos valores habituais e das práticas sociais para que adotem uma posição e intervenham efetivamente em favor dos pobres carentes deste mundo, para se conseguir, assim, uma sociedade mais igualitária e mais justa.

A proposição é pertinente, dado que o que temos que fazer já está muito bem exposto e parecem que dentro da micro-realidade já o sabemos, o problema é então os seguimentos governamentais mundiais se alinharem também. Mover uma estrutura micro, de um bairro, vila, cidade pequena é relativamente simples, de modo que a questão está na transformação cultural macro, dos grandes centros, metrópoles e macro empresas.

O conceito de cidadania planetária tem a ver com a consciência, cada vez mais necessária, de que somos todos habitantes de uma única casa, de uma única morada, de uma única nação. Temos uma identidade terrena, somos terráqueos. Assim como nós, este planeta, como organismo vivo, tem uma história. Nossa história faz parte dele. Nós não estamos no mundo; nós somos parte dele. Não viemos ao mundo; viemos do mundo. Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço. Temos um destino comum (GADOTTI, 2000, p. 142).

A lógica do que é proposto também se mostra como relativamente simples, pois o que acontece com o mundo, acontece comigo, conosco, com todos, Desse modo:

Trata-se de ajudar de alguma maneira, a construir alguns valores, desenvolver atitudes e potencializar ações que possibilitem o avanço das redes de uma cultura da solidariedade, a qual transforme os hábitos de pensar e de agir centrados no próprio interesse [...] em uma maneira de pensar e de agir centrada no interesse global do mundo e, em especial, dos mais carentes (SEQUEIROS, 2000, p. 20).

Pensando todo o exposto nesse tópico, a reconfiguração das práticas pedagógicas e de sua interface de modo a atender à realidade vigente e ao mesmo tempo manter a ótica da sustentabilidade, da planetaridade, exige uma consciência global alicerçada em uma concepção ecopedagógica, ou seja, sustentável em sua essência.

O que se ensina deve estar conectado com o que se faz, com o que se é, com os que se deve ser, com o que se pode e deve ser. A ecopedagogia deve permear todo o conjunto não só de práticas e fazeres pedagógicos, mas de ações dentro e fora da escola, empreendidas por professores, alunos, pais, empresários, políticos, religiosos e cidadãos de um modo geral.

Dentro do que fora abordado nessa pesquisa bibliográfica revisional, a educação hoje demanda a formação de uma consciência empreendedora. Os resultados até aqui colhidos, apontam para a necessidade de se ampliar a formação de professores como os principais fomentadores de tal prática. Enquanto modelo social o professor é o agente promotor do que chamei aqui de ética 3.0, ou ética planetária e sustentável de pequenas e grandes atitudes. Por fim, tratei da dimensão ecopedagógica das práticas de ensino-aprendizagem, alicerçadas devidamente no cotidiano de cada aluno, bem como em sua realidade social, deve-se tornar transformadora em todos os aspectos, desde a saúde e higiene pessoal, até as ações e práticas coletivas.

## 6 REFERÊNCIAS

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

*CARTA da Ecopedagogia*: em defesa de uma Pedagogia da Terra. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

*CARTA DA TERRA*. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

ENSINO-APRENDIZAGEM (verbetes). 2015. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/glossario/ensino-aprendizagem/>>. Acesso em:

GADOTTI, M. *Pedagogia da terra*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas atuais da educação*. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 14, n. 2, p. 03-11, Jun 2000. Acesso em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=en&nrm=iso)>. access em July 2015.

GUTIERREZ, F; PRADO, C. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

MOLINA C., Juan Carlos. *Indignados, redes sociales y la agonía del imaginario político moderno*. Participación 3.0 y la emergencia de una ética de nuevo tipo. [quadernsanimacio.net](http://quadernsanimacio.net); nº 15; Enero de 2012. Disponível em: <<http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/quince/LOS%20INGIDNADOS.pdf>>. Acesso em:

SANTOS. Mafoane Odara Poli. *Educação Empreendedora: desafios das práticas pedagógicas na educação básica*. 2010. 1º Encontro sobre Mediação Escolar e Comunitária. Disponível em: <[http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/arquivo/mediacao/Educa\\_Empree.pdf](http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/arquivo/mediacao/Educa_Empree.pdf)>. Acesso em: Jul 2015.

SEQUEIROS, L. *Educar para a solidariedade: Projeto didático para uma nova cultura de relações entre os povos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.